

O abraço crioulo que nos envolve é o mesmo que nos balança, nos faz girar e nos enterra os pés no chão quente. E nos faz parar. Parar pra pensar:



quem somos nós nesse trajeto? Nesse trajeto-dejeto colonial de violências, sequestro, matança, racismo e desigualdade estruturante e perdurante. E quem podemos-queremos voltar-continuar-passar a ser.

Abraçado por Conceição. Sinto-me acolhido, mas ao mesmo tempo deslocado. Deslocado em Conceição. Deslocado em Conceição. Conceição de mim mesmo.

Das nossas identidades-ancestralidades de responsabilidades-privilégios-partilhas.

Agora, quase dois anos depois, olho novamente para a imagem, e vejo o que talvez não pudesse perceber naquele instante. No primeiro plano, Márcia Nascimento. Em segundo plano, logo atrás, outras lideranças crioulas. Mulheres imprescindíveis: Valdeci Oliveira, Luiza das Caboclas, Aparecida Mendes, Givânia Silva, Rozeane Mendes. Uma espécie de semicírculo acolhedor. Ao fundo e ao alto, pequenas bonecas de caroá em imagens ampliadas. O artesanato que representa as mulheres guerreiras de Conceição, na gigantesca proporção de seu fundo-fundamento.

E nesse emaranhado crioulo de Voz, Acolhimento e Ancestralidade, seguimos Identidades em Conceição. Identidades em Conceição.

IDENTIDADES, 25 ANOS

Fernando José Pereira

É bom que seja o 25. Há, também, uns 25 que me deixam muito feliz, e gosto de comemorar...outros, nem tanto.

O Identidades talvez tenha nascido

no sítio errado
e na época errada.

Ainda bem, digo eu.

Nascer e viver aqui por estes lados não dá protagonismo a ninguém, bem sabemos, mas essa, talvez, seja uma das mais meritórias memórias que tenho dos *Identidades*: a fazer o seu trabalho completamente de costas para essas questões. E, contudo, é de questões importantes que o *Identidades* tem tratado. Quem se lembrava, por exemplo, de colocar um *s* à frente da palavra identidade há 25 anos. É que este *s* trouxe-nos a todos os que, mais de perto, ou mais de longe, por cá passamos, uma clara ideia de uma época e de uma discussão premente: aquela que nos diz que há muitas e diferentes identidades espalhadas pelo mundo. Diria, hoje, um qualquer teórico, artista, o que se quiser nomear, que se trata da questão pós-colonial. Na altura não estava na moda, nem sequer estava gasta a noção. Era

potenciadora de um trabalho que vem sendo realizado já ao longo de 25 anos, mas, também, não interessava nomeá-la, o que interessou foi passar à acção e tornar as *Identidades* em algo tangível. 25 anos de trabalho feito.

Aqui há uns anos fui com alguns dos *Identidades* para Cabo Verde. A minha primeira experiência na África. Foi ao mesmo tempo duro e fascinante aquilo que vivenciei. Continua cá dentro como uma ressonância.

Ao visitar a Ilha do Fogo, fui ver o vulcão e não resisti a fazer imagens para um possível trabalho posterior. Não sei se é comum, mas durante o tempo que lá passei, estive muitas vezes imerso num nevoeiro cerrado (o que me fascina) e essas são as imagens que aqui partilho.

O nevoeiro das imagens, transforma as pessoas em vultos. Os vultos têm todas as identidades que quisermos. A névoa cerrada, ao tornar quase monocromáticas as imagens, inibe as diferenças, mas não as anula. Bem pelo contrário. Deixa-as à vontade. Para serem o que são. Para quando o nevoeiro passar continuarem a ser o que são, sem medos ou inquietações. Este não é, por isso, um nevoeiro sebastianista, é, antes, um elemento potenciador da diferença, quer dizer da identidade, qualquer uma.

Chamei ao pequeno filme “uma aproximação ao monocromo como condição para o silêncio” e é repetida a frase: nada ficou para contar. As imagens remetem para o vulcão e para os vastos campos de lava que este já produziu. Sabemos da desolação que provoca, mas sabemos, também, da perseverança das pessoas que teimam em continuar por lá.

Este pequeno filme é, por isso, uma também pequena homenagem ao Identidades que tal como os habitantes de Chã da Caldeira, apesar de saberem bem das dificuldades, continuam com a coragem e a determinação que já lhes conhecemos. Sem alaridos, aliás muito próximos do silêncio. Um silêncio muito especial, aquele que grita bem alto a sua condição. O *nada ficou para contar* é a antítese do espectáculo e da exposição excessiva. No nosso tempo de instantaneidade e espectacularidades várias, esse é um tesouro que devemos manter e guardar bem guardado. Que *este nada ficou para contar* seja o mote que se utilize para, silenciosamente, contar tudo. Mais não seja, para o poder passar de geração em geração...até que venham mais 25 anos.

NOTA: O filme que é referido no texto e do qual foram extraídos os stills que constituem a narrativa imagética que segue este texto, pertence a uma série que tenho feito

ao longo dos anos designada “Art statements”. Este é o número 9. O seu título, originalmente em inglês, é “Art statement #9 (approaching monochrome as condition to silence)”

É um vídeo analógico com a duração de 04’07”, datado de 2009. Se houver curiosidade para o ver, aqui está a ligação: <https://vimeo.com/357432696>

